



Fotos: Divulgação

Um novo ciclo de investimentos

Em entrevista à *Rumos*, o presidente do BNDES e da Assembleia Geral da ABDE, Joaquim Levy, destaca as novas prioridades do banco, elenca os desafios em setores estratégicos, como infraestrutura e micro e pequenas empresas, e pontua que as instituições de fomento devem atuar de maneira integrada para apoiar o desenvolvimento brasileiro. **POR JADER MORAES**

Rumos – Em linhas gerais, qual o projeto que o senhor deseja conduzir à frente do banco para que ele possa ajudar o Brasil a retomar a trilha do desenvolvimento?

Joaquim Levy – No meu discurso de posse lembrei que estamos na antessala de um novo ciclo de investimentos, em uma economia que será mais aberta, mais vibrante, com mais espaço para o setor privado e para os mercados de capital. O papel do BNDES é contribuir nesse ambiente, desenvolvendo novas ferramentas e novas formas de trabalhar, em parceria com o mercado. O banco continua tendo enormes potenciais e valores a compartilhar com a sociedade. Ele permanece voltado a apoiar a economia, só que o BNDES, como toda empresa de sucesso, se

transforma e pensa em novas formas de atuar. Em linhas gerais, nosso foco natural será na infraestrutura, área na qual o crédito de mais longo prazo é fundamental para a viabilização de projetos com tarifas adequadas. Mas também vamos nos voltar para as micro, pequenas e médias empresas e para o apoio à inovação e à digitalização das nossas empresas, de todos os tamanhos.

Rumos – O Brasil ainda convive com importantes disparidades regionais e mesmo dentro de cada região. Como enfrentar esse problema de forma a indu-

zir os investimentos em regiões menos desenvolvidas?

Levy – Temos nos reunido com muitos governadores nos últimos meses; reforçamos parcerias e discutimos novas oportunidades de negócios. Há uma gama de projetos a serem desenvolvidos nas áreas de infraestrutura, turismo, saneamento e gás natural, por exemplo. Com a exploração dos campos do pré-sal haverá uma grande oferta de gás natural e isso abrirá excelentes oportunidades para as economias regionais. Se conseguirmos abrir o mercado de gás, que hoje é estruturado em monopólios estaduais nos quais a Petrobras é muito presente, haverá grande espaço para novos investimentos. É preciso distribuir o gás natural de forma mais barata e com maior capilaridade. No curto prazo, a maior ajuda do BNDES será apoiando a desestatização de empresas estaduais e ajudando o setor privado a financiar projetos relacionados. Essa desestatização não só gera dinheiro para aliviar o caixa dos Estados, mas acaba com um ralo nas finanças públicas. Temos interesse em municípios também, especialmente em relação ao saneamento.

Rumos – Um dos principais entraves para o desenvolvimento do país é a infraestrutura, área prioritária do BNDES em sua fundação. As Parcerias Público-Privadas (PPPs) são um caminho possível para desenvolver o setor no longo prazo?

Levy – Não custa repetir que nosso foco é a infraestrutura. O BNDES está pronto para dar sustentação ao novo ciclo de investimento que virá a partir da reforma da Previdência e da votação de várias leis de reforma setorial, como nos casos de gás, eletricidade, saneamento. O banco tem sido parceiro do Programa de Parcerias de Investimentos (PPI) e inclusive estamos emprestando vários dos nossos melhores quadros para fortalecê-lo. Esse programa tem um papel essencial em garantir a coordenação entre ministérios e agências e essa coordenação é o segredo do sucesso na implementação de projetos de infraestrutura. Um dos exemplos mais claros é a experiência exitosa da privatização das distribuidoras de eletricidade federalizadas. Neste caso, o BNDES demonstrou papel crucial na preparação dos estudos, na discussão com órgãos reguladores de soluções equilibradas e que maximizem o valor dos ativos e resultados econômicos e sociais. Experiências recentes mostram que há demanda tanto nacional quanto internacional pelos ativos de infraestrutura brasileiros, como indicam os bem-sucedidos leilões de aeroportos, a Ferrovia Norte-Sul e a venda do gasoduto da TAG, pela Petrobras.

Rumos – No mesmo sentido, qual a proposta para que a indústria brasileira volte a ter competitividade?

Estamos na antessala de um novo ciclo de investimentos, em uma economia que será mais aberta, mais vibrante, com mais espaço para o setor privado e para os mercados de capital. O papel do BNDES é contribuir nesse ambiente, desenvolvendo novas ferramentas e novas formas de trabalhar, em parceria com o mercado.

Levy – Antes de tudo, temos de estar cada vez mais próximos dos nossos clientes, compreender o que eles desejam, suas expectativas e como melhor atendê-los. Neste esforço, entendemos que devemos proporcionar o fortalecimento das empresas para que tenham capacidade de crescer, gerar emprego e incorporar novas tecnologias. Um exemplo: investimentos em tecnologia da informação, que permite a entrega de serviços de forma mais barata, eficiente e rápida. Mas não é só isso. O principal diferencial do BNDES é sua capacidade de planejar e estruturar projetos complexos. Poucos bancos dispõem de equipes como as que dispomos e a experiência que acumulamos ao longo do tempo.

Rumos – A sustentabilidade é um imperativo do nosso tempo. Como estimular as chamadas finanças verdes, para que se ampliem os investimentos em projetos que levem em consideração os desafios ambientais que o planeta enfrenta?

Levy – É verdade que o momento atual no mundo é de mudança e atenção à área ambien-

O Brasil é um país muito grande, com realidades regionais bem distintas, e nada melhor que as instituições regionais para conhecer e entender as demandas locais.



tal. O BNDES também se insere nesse movimento geral, procurando encontrar mecanismos para aumentar a economia verde em vários setores da economia real, incluindo aí elevar a produtividade agrícola do país. O banco tem apoiado a emissão de instrumentos “verdes”. Cito também projetos relacionados à energia solar, a iniciativas de eficiência energética e tecnologias limpas para a indústria e ao crédito rural. O BNDES também procura aprimorar o monitoramento e a preservação de nossos mais importantes biomas, por meio, por exemplo, da administração do Fundo Amazônia. Temos sido também uma das mais importantes alavancas no aumento de produtividade da agricultura, pelo financiamento de equipamentos e soluções.

Rumos – As micro e pequenas empresas apontam a dificuldade de acesso ao crédito como um dos grandes desafios para seu crescimento. Recentemente, o banco anunciou que dará prioridade a esse público. Como isso será feito e qual a relevância desse apoio?

Levy – Como disse há pouco, as micro, pequenas e médias empresas brasileiras são uma das prioridades do BNDES. Lançamos em março uma nova linha de financiamento, mais simples e ágil, a BNDES Crédito Pequenas Empresas. Essa linha atende às demandas do setor e tem como foco a geração de empregos e o fortalecimento das empresas de menor porte. Elas são indispensáveis à saúde e à vitalidade da econo-

mia e o acesso ao crédito é extremamente importante para elas. Na linha que lançamos, não há limite de valores destinados ao programa e se a demanda superar os R\$ 1 bilhão previstos inicialmente, vamos disponibilizar mais recursos.

Rumos – Diversos países do mundo possuem sistemas de fomento nacionais, com instituições financeiras de desenvolvimento atuando em rede nas diversas regiões. A Alemanha é o principal exemplo neste sentido. Como o senhor vê a proposta da ABDE de fortalecimento da rede federativa de desenvolvimento, por meio do Sistema Nacional de Fomento, especialmente os bancos e agências de fomento subnacionais?

Levy – O BNDES é signatário da Carta de Posicionamento da ABDE, divulgada em julho do ano passado, na qual reafirmamos a importância do Sistema Nacional de Fomento (SNF), formado por instituições financeiras dos setores público e cooperativo. O Brasil é um país muito grande, com realidades regionais bem distintas, e nada melhor que as instituições regionais para conhecer e entender as demandas locais. Acreditamos que a missão de todos é atuar em prol do desenvolvimento econômico, social e ambiental do Brasil. O BNDES concorda que as instituições de fomento devem atuar de maneira integrada, em rede, estabelecendo parcerias e políticas públicas coordenadas.